



## Atropelados pelo Rodoanel<sup>1</sup>

Gabriela Baldan<sup>2</sup>  
Daniela Meibak<sup>3</sup>  
Mariana Barbar<sup>4</sup>  
Mariana Dente<sup>5</sup>  
Mariane Matsunaga<sup>6</sup>  
Marina Melo<sup>7</sup>  
Monica Patente<sup>8</sup>  
Thaís Toledo<sup>9</sup>  
Márcia Detoni<sup>10</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP

O documentário Atropelados pelo Rodoanel foi feito com o intuito de mostrar o outro lado das obras públicas realizadas na cidade de São Paulo, ou seja, dar voz àqueles que, na maioria das vezes, não são escutados. Moradores do bairro Jardim Oratório (Mauá, SP), que foram desapropriados para a construção do Rodoanel, contam um pouco da trajetória dessa construção e da maneira que foram colocados para fora de suas casas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rodoanel; desabrigados; jornalismo social;

### INTRODUÇÃO

O Rodoanel, a maior obra viária do país, vai circundar toda a Grande São Paulo, interligando as rodovias que chegam à capital, com objetivo de eliminar o trânsito de passagem; os caminhões que atravessam a cidade para chegar aos seus destinos e acabam provocando congestionamentos, diminuindo assim o custo do transporte, facilitando as exportações e movimentando diversos setores da nossa economia. Que este empreendimento nasceu como o salvador da pátria de todo um Estado, isto não é dúvida. Tanto não é que a própria mídia não questiona sua implementação.

Esta obra desapropriou mais de 200 famílias só na construção do Trecho Sul, que interliga as principais rodovias do Estado com o Porto de Santos. O processo de desapropriação foi complexo e muito precário por parte dos responsáveis pela obra, a

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria \_\_\_\_\_, modalidade \_\_\_\_\_.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: gabibaldan@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: danimeibak@hotmail.com.

<sup>4</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: marianabs02@hotmail.com.

<sup>5</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: mary\_dente@hotmail.com.

<sup>6</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: marianeaym@gmail.com.

<sup>7</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: ma\_melo25@hotmail.com.

<sup>8</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: monica.patente.andrade@hotmail.com.

<sup>9</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso Jornalismo, email: thaistoledo7@gmail.com.

<sup>10</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: Márcia.detoni@gmail.com.



empresa de construção Dersa e a prefeitura de Mauá. Houve muita reclamação dos moradores do Jardim Oratório, região periférica de Mauá que daria lugar à uma das baias de acesso ao Rodoanel, em consequência da pressão feita pela empresa de construção para que os mesmos deixassem a área o mais rápido possível. E não foi vista na mídia nenhuma informação construtiva a partir deste assunto.

É fato que “No Brasil, apesar de mudanças significativas nos últimos anos, os meios de comunicação continuam dando atenção secundária aos problemas sociais” (MOTTA, 2008, p. 334). É muito mais válido discorrer sobre as vantagens de uma obra pública como o Rodoanel, do que esclarecer como elas são implantadas e os processos que a população vizinha a obra sofre, afinal você acaba por comparar os milhões de paulistas que ficam presos no trânsito de São Paulo todo dia com as centenas que vão deixar suas casas para que o trânsito flua melhor.

## **OBJETIVO**

O documentário pretende mostrar o drama vivido por estas pessoas que moravam no extinto Jardim Oratório, bairro antigo da cidade de Mauá. Pessoas estas que foram retiradas de suas casas para que não atrapalhassem o desenvolvimento da cidade. No documentário, *Atropelados pelo Rodoanel*, apresentamos a fato problemático por meio de personagens que nos contam como foram abordados pela Dersa e o que deixaram para trás com esta mudança.

Preocupamos-nos em apresentar ao ouvinte as várias formas de se fazer uma política de desapropriação em obras públicas, mostrando que esta prática realizada pela Dersa, na qual a preocupação com as necessidades dos desabrigados é muito pequena, é comum, mas que não deveria ser.

## **JUSTIFICATIVA**

Com toda esta problemática envolvida resolvemos abordar este assunto a partir da multiplicidade de vozes. Afinal:

há muito a fazer para alcançar a sonhada democratização dos meios e dos acessos. Dar voz aos excluídos e às minorias ou considerar a importância da rede de comunicação alternativa (como as rádios comunitárias) é um bom começo (ALMEIDA, 2008, p. 256).

Os meios de comunicação de massa precisam ouvir aos que não têm vozes, pois do contrário o papel social do jornalismo é negligenciado:

A imprensa possui um poder único de contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e igual. Primeiro, e talvez mais importante, garantindo que todas as pessoas, independentemente de qualquer característica que as distingam, sejam ouvidas e ganhem visibilidade. Em segundo lugar, dentro da perspectiva do agendamento social, criando um contexto para que as necessidades e aspirações de todos os membros da sociedade sejam consideradas (CARRANCA, 2008, p.311).



É necessário, ao menos, ouvir todas as partes de um determinado assunto e não escondê-lo por conta de interesses maiores, o jornalismo tem um dever com a mediação de vozes, deve interagir as várias bolhas de conhecimento e levar a informação sobre o que acontece para a população entender o que está acontecendo e perceber-se dentro desta estrutura social.

Dessa forma as ações sociais com vistas ao desenvolvimento social, econômico, político, cultural e, em síntese, humano não poderiam prescindir do agendamento e do noticiamento, mas sobretudo, do fornecimento ao público de instruções, roteiros e procedimentos acerca de responsabilidade social de todos na construção dos meios para a resolução dos problemas representados pelos fatos e suas conseqüências (MARTINS, 2002).

O jornalismo público pode ser visto como “a recuperação da dimensão que levou o jornalismo a desempenhar um papel importante na criação e na manutenção da esfera pública burguesa na virada do século 17 para o século 18, assim é isso que se espera que seja feito em casos como a implementação do Rodoanel. Recuperando a esfera pública de debates, “a mídia reconhece seu papel de fortalecer a participação do público no debate de temas importantes para a cidadania” (FREIRE, 1998).

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para associarmos a prática social do jornalismo com uma mídia de maior veiculação para a população decidimos que o documentário, pelo caráter social que tem, seria a ferramenta ideal de atuação na sociedade.

Acreditamos que para haver qualidade nesse meio de comunicação de massa, neste caso o rádio, é preciso valorizar a produção de “programas e fluxos que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos, em vez de uma integração nacional e o estímulo ao consumo” (MACHADO, 2001, p.25). Pois, se não for desta maneira a mobilização não acontecerá, afinal fica difícil causar um impacto na população se o produto criado visa o consumo ou até mesmo se este produto é muito generalista.

Assim o documentário consegue retratar os assuntos inserindo os espectadores de uma forma que valorize o indivíduo em suas potencialidades e capacidades de construção pessoal.

Não focamos o nosso trabalho apenas nas fontes oficiais para que não caíssemos na mesmice de analisar o Rodoanel apenas de forma desenvolvimentista. Optamos por tratá-lo de maneira social e mostrar que quanto os excluídos pela mídia não conseguem ter acesso à visibilidade acabam por recorrer a ações emblemáticas, neste caso o agir de forma nervosa e desorganizada.

Sigal faz notar que as fontes de informação dominantes (governo, etc) detêm um peso significativo nas notícias e que os “desconhecidos” necessariamente necessitam de se fazer notar, frequentemente através de atos especulares, para serem notícia, o que os coloca em desvantagem, inclusive porque, nas notícias, parecem menos respeitáveis ( SOUSA, 2004, p. 117).



Encontramos a população do Oratório em meados de setembro de 2009, aglomerados em frente à prefeitura esperando alguma autoridade responsável dirigir-se a eles. Desta forma nos apresentamos e eles começaram a relatar suas experiências, de maneira pertinente, contudo desorganizada. Em uma tarde ouvimos as mais variadas histórias sobre como estas pessoas, que na sua maioria fundaram o bairro, deixaram para trás sonhos e lembranças. O que acontece nos meios de comunicação é o seguinte:

Repórteres ainda preferem circular nos gabinetes atapetados das “fontes” credenciadas que em bairros, favelas, hospitais e escolas degradadas. Apesar dos progressos recentes, portanto, as matérias ainda ficam devendo uma abordagem mais consistente dos fatos. Políticas sociais prioritárias continuam sendo consideradas sem conteúdo jornalístico, fora de moda, desinteressante (MOTTA, 2008, p. 334).

As duas experiências são válidas: é preciso falar com fontes oficiais, mas também com a população para que assim seu trabalho jornalístico seja heterogêneo e possa trazer mais multiplicidade de vozes, aumentando o debate público sobre a agenda social.

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Segue abaixo o script do radiodocumentário:

*TEC* – Música instrumental do Chico Buarque.

*FALA POVO:*

- “ Eu tinha uma casa, não era aquela casa, mas era o meu tudo” (Fita 1 – lado A).
- “ Não há ninguém feliz”, “Pressão Psicológica...”. “ Não tá ninguém feliz, não tiveram manifestação por causa, por causa da pressão psicológica, se acha que ela tem tempo de pensar em alguma coisa?”.
- (REC 005) “Eu com alguns metros quadrados de terra me sentia Brasileiro... nesses 8500000 metros quadrados eu tinha uns poucos metros quadrados que eu tinha a minha casa, eu me sentia Brasileiro, aí de repente chega o estado a política social democrática do José Serra e fala que o terreno não é meu, que eu sou invasor que eu tenho que sair para passar o Rodoanel”.

*LOC:* Essas são as vozes daqueles que foram retirados do bairro Jardim Oratório, em Mauá, para dar lugar à 24 quilômetro de asfalto do trecho sul do Rodoanel, a via que vai circundar a Grande São Paulo.

*LOC:* Cinco mil e duzentos e quarenta e sete moradores tiveram de deixar suas casa desde a metade deste ano e procurar outro lugar para morar. Não foi um processo fácil, como nos conta a moradora Simone da Costa.

*SIMONE DA COSTA:* “ O que tá acontecendo é assim, que eles passaram na casa da gente, falando que a gente tinha que sair de lá, oferecendo uma quantia e falando assim, vocês têm que sair daqui, não tem outro jeito, não tem outro plano, não deram oportunidade pra gente escolher”.

*LOC:* A empresa responsável pela construção do rodoanel é o Dersa, Desenvolvimento Rodoviário S.A., controlada pelo Governo do Estado de São Paulo.



*LOC:* Os moradores, como Ivonete, se queixam que todo o processo de desapropriação das casas foi imposto sobre a comunidade sem negociação e sem diálogo.

*IVONETE:* “ Tira a foto da sua casa, leva e some. Aí quando vem com o laudo a sua casa vale isso e se você não aceita vai para a justiça, é assim, não quer saber se tem gente doente, se tem idoso, se tem criança, não interessa, só quer saber da área... pergunta pro pessoal da Dersa se eles acompanharam algum desses moradores até a nova residência ? Eu gostaria que eles fossem”.

*LOC:* Sentindo-se impotentes e desamparados, os moradores recorreram à prefeitura de Mauá para reclamar da forma como a Dersa encaminhou as desapropriações, com indenizações e preços injustos na opinião dos moradores. Mas a resposta do secretário da habitação de Mauá, Sérgio Afonso dos Santos, foi desanimadora.

*SÉRGIO AFONSO DOS SANTOS:* “A Dersa vem fazendo as desapropriações e indenizando as pessoas, e é isso que nós acompanhamos para que as pessoas tomem seus destinos, e não vão ocupar outra área, né?... eles já com a indenização em mãos e cada um acha um destino”.

*LOC:* A prefeitura mostrou-se mais preocupada em evitar novas invasões. E os moradores lamentaram que ninguém do poder público acompanhou o difícil deslocamento das famílias para outra área, também carente.

*LOC:* Gilberto da Costa relata os problemas que encontrou ao ter que se integrar a outra comunidade.

*GILBERTO DA COSTA:* “ É muito difícil você se socializar em uma favela, se o pessoal não gostar da sua cara, eles dão um jeito de você ir embora de lá. É muito difícil, muito difícil mesmo. Numa favela o que falta principalmente é educação, mas a culpa é nossa? A culpa é do governo. Olha eu venho de uma família um pouco estruturada, mas a maioria não tem estrutura. Eu queria morar num lugar organizado, mas o governo e a Dersa não permitiu isso”.

*LOC:* Ivonete enfrentou a mesma situação.

*IVONETE:* “É uma nova vida. É uma nova vida, meus filhos, escola forçada... tudo, tudo, tudo que vocês possam imaginar entendeu. Porque ali você já construiu uma vida, você tem uma identidade ali, entendeu. E do dia pra noite você tem que sair, põe o seu caminhão na mudança e vai embora, vai no banco que você tem que buscar seu dinheiro e se vira... Eu saí duas horas depois tá tudo no chão”. – Escola – “ Eu mudei dia 24 de julho, meu filho começo a estudar dia 30 de agosto e é uma hora da minha casa até a escola, ele anda uma hora de pé. A minha casa era em frente à escola, era o que? 15 minutos, no máximo 15 minutos, é muito complicado, dinheiro não paga essas complicações, não paga”.

*LOC:* Depois de muita insistência e mobilização, os moradores conseguiram uma reunião com a Dersa, em outubro, na Câmara Municipal mediada pelos vereadores. Foi quando ouvimos as explicações do órgão que se recusou a dar entrevista sobre o caso.



*LOC:* Hermes da Silva, gerente de relações institucionais da Dersa, esclareceu questões burocráticas relacionadas às avaliações dos valores das indenizações pagas, principalmente aos moradores que não tinham escritura de propriedade do terreno.

*HERMES:* “ Feito isso define-se então o valor do laudo que é apresentado ao morador, laudo da benfeitoria, laudo da construção, não é o laudo do terreno, porque o terreno não é deles. Ele não é proprietário do imóvel. ( População se revolta) ... Eu sei que muitos de vocês apresentaram aqui um documento do prefeito A ou B do passado, deu documento para vocês de posse, esse documento gente, ele não é oficial da justiça”.

*LOC:* Vânia da associação do Jardim Oratório, diz no entanto, que o terreno havia sido dado aos moradores pela prefeitura. Eles acabaram perdendo suas casas e recebendo uma indenização que não paga uma moradia equivalente.

*VÂNIA:* “O senhor alega que os moradores não têm direito ao terreno: Têm sim! Porque a prefeitura de Mauá cedeu o direito para eles, a prefeitura de Mauá deu o direito de posse pra esses moradores, eles têm documentos pela prefeitura de Mauá registrado em cartório, entendeu, e eles têm direito! ( palmas)”.

*LOC:* A grande mágoa dos moradores, no entanto, é a forma com que foram retirados do local.

*LOC:* Gilberto da Costa.

*GILBERTO:* “ A assistente social não se comportou como uma assistente social. Quando eu pequei meu laudo eu falei para a menina: Menina eu vou mudar daqui numa favela pra outra... Sabe o que ela responder pra mim? E daí, o senhor já está acostumado”.

*LOC:* Vânia, da associação do Jardim Oratório expôs a angústia dos moradores na reunião com o Dersa na Câmara Municipal.

*VÂNIA:* “Aí o senhor vem falar pra mim que a assistente social num chga lá e num fala que vai passar com o trator por cima, porque Fala! Eu to com uma família que a mãe tá num hospital em SP e que a menina tá internada dentro do Nardine, na ala psiquiátrica, isso daí ninguém tá tomando partido muito menos Serra, muito menos Dersa, muito menos vocês... Isso daí as assistentes sociais do Dersa não tá vendo, quem tá sofrendo o dia-a-dia dentro d Oratório são as famílias, é a comunidade que tá lá, não é o Dersa, o Dersa deita sua cabeça no travesseiro e dorme.

*LOC:* O caso do Jardim Oratório é um exemplo de como muitas obras públicas são implantadas no Brasil, sem ouvir a população e ganhar o seu apoio.

*LOC:* A arquiteta Denise Antonuci, professora do Mackenzie, especializada em planejamentos e projeto do espaço urbano, afirma que muitas vezes o plano de uma ora viária, não coincide com os planos urbanos das diferentes cidades onde essa ora viária será implantada.

*Denise Antonuci:*

*LOC:* A historiadora da PUC e do Mackenzie, Rosana Schwartz , com pesquisas e atuação na área de habitação, afirma que o direito a moradia está previsto na constituição brasileira



e que a maneira como as pessoas das classes mais baixas são tratadas tem raízes históricas e características típicas.

*Rosana Schwartz:*

*LOC:* Os especialistas concordam que existem outras formas de lidar com essa situação. No entanto, parece que os governos preferem o caminho mais rápido, e que trás o progresso a qualquer custo, tratando cidadãos como números, e não como seres humanos, dotados de raízes, história e planos de um futuro melhor. Uma prática que precisa mudar.

*FALAS EMOTIVAS:*

*LOC:* O rádiocumentário “Atropelados pelo Rodoanel” foi produzido pelas alunas do 4 semestre Daniela Meibak, Gabriela Baldan, Mariana Barbar, Mariana Dente, Mariane Matsunaga, Marina Melo, Monica Patente e Thaís Toledo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Apresentação de Gabriela Baldan, trabalhos técnicos de Doni Paruti e orientação da professora Márcia Detoni.

## CONSIDERAÇÕES

Neste documentário tentamos mostrar a população como principal fonte sobre o assunto discorrido. Afinal eles foram os maiores prejudicados com a criação desta obra viária. Na é possível mais tratar a população menos favorecida economicamente ou socialmente em terceiro plano, eles fazem parte da cidade, são afetados pelas decisões tomadas na câmara, então porque não podem estar inseridos nos meios de comunicação?

De acordo com a minha hipótese, os participantes dos movimentos sociais são em sua maioria tratados meramente como terceiros distantes, comparecendo às reportagens como ameaças externas à rotina dos leitores. Considerando ainda que as fontes mais habituais dos jornalistas emergem do grupo daqueles que os lêem, ou seja, considerando que o conjunto de fontes pertence ao conjunto de leitores, vê-se também que o dialogo estabelecido, nas páginas dos jornais, entre os agentes do debate público, também excluí, os participantes dos movimentos sociais. (BUCCI, 2008, p 56-57).

Precisa-se repensar a forma como se dá a apresentação dos fatos. Não precisamos entregar a visão absoluta de um fato, é muito mais interessante deixar que o espectador tire as suas conclusões e decida qual será sua visão sobre aquele fato, que com certeza será diferente de outra pessoa.

O moderno documentário, geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural. O documentário coloca os próprios vivenciadores de determinada realidade narrando suas impressões e experiências muitas vezes de foram contraditória ao tema da produção, mas contribuindo como exemplo da complexidade da realidade abordada, permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (ALTAFINI, 1999, Online).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Verônica. A mídia e os direitos humanos. In: Guilherme Canela (Org.). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. 1.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
  
- CARRANCA, Adriana. Dar voz à Diversidade. In: Guilherme Canela (Org.). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. 1.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
- MARTINS, Luiz da Silva. Jornalismo Público: O social como valor-notícia. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: [http://www.ucb.br/comsocial/mba/jornalismo\\_publico\\_o\\_social\\_como\\_valor-noticia.pdf](http://www.ucb.br/comsocial/mba/jornalismo_publico_o_social_como_valor-noticia.pdf)  
Acesso em: 03.04.2010.
  
- FREIRE, Alexandre. Jornalismo Público. “publijornalismo” e cidadania. 1998. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/iq051098b.htm> .  
Acesso em 02.04.2010.
  
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 2.ed. São Paulo: Senac, 2001.
  
- SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de Teoria da Pesquisa da Comunicação e da Mídia. 1.ed. Editora Letras Contemporâneas, 2004.
  
- MOTTA, Luiz Gonzaga. E agora? Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística. In: Guilherme Canela (Org.). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. 1.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
  
- BUCCI, Eugênio. A Imprensa e o dever da liberdade: a responsabilidade social do jornalismo em nossos dias. In: Guilherme Canela (Org.). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. 1.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.
  
- ALTAFINI, Thiago. Cinema Documentário Brasileiro: Evolução Histórica da Linguagem. 1999. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/Altafini-thiago-Cinema-Documentario-Brasileiro.html>. Acesso em 07.03.2010.